



(O Estado de São Paulo, 1/9/1962)

O Realismo Russo e Maximo Gorki (Critique)

Um eloquente artigo crítico, “ O realismo russo e Maximo Gorki”, do Sr. Hubert Juin, publicado em Critique (Junho), ressurcisa o tom fervoroso da década de 20 sobre tudo que se referia direta ou indiretamente à realidade russa. O objetivo do autor é evidentemente exaltar a figura de Gorki, cujas obras completas em tradução francesa, em curso de publicação, dão ao Sr. Hubert Juin ocasião de fazer uma espécie de recapitulação do seu assunto que é, afinal de contas, a importância de Maximo Gorki na literatura russa.

Gorki, isto é, “o Amargo”, é o pseudônimo romântico de Alexei Maximovitch Pechkov, que se revela grande escritor precisamente no momento em que a sociedade russa, minada e à sombra do czarismo, precipita-se sem esperança para o seu próprio fim. Autores e leitores têm consciência da proximidade do desastre: nessa literatura respira-se já a nostalgia de mundos mortos. Os populistas à maneira de Korolenko ou Veressalev já não satisfazem as obscuras mas reais aspirações do público popular. Gorki, pretende o Sr. Hubert Juin, aparece quando esgotada a força da maldição que a literatura do “século de ouro” fez cair sobre o povo russo. Nada de romances para a nobreza, nada de consolações vagas que fazem aceitar o sofrimento em nome da salvação da alma, nada de comum com a literatura de evasão. Desde os primeiros livros de Gorki – as novelas da série dos Vagabundos – os problemas por elas postos, as situações que descrevem, o mundo que descobrem e os personagens que aí vivem, a sua resposta obstinada ao desastre pela afirmação do homem, tudo no primeiro Gorki, pensa o Sr. Hubert Juin, já prefigura o alcance do seu papel de criador de uma nova estética literária, de um humanismo que que transforma em ardor evolucionário a religiosidade popular. Gorki, informa ainda o Sr. Hubert Juin, é um verdadeiro bogatyr, isto é, um herói das velhas lendas russas. Um juízo mais equilibrado se distanciará provavelmente dessa fervorosa apologia que, parece, tem objetivo e endereço certos: fazer de Gorki o precursor, fator e patrono do chamado realismo socialista, doutrina oficial ainda em voga na literatura soviética. Seja como for, a leitura do longo artigo do Sr. Hubert Juin oferece grande interesse pela soma de informações sobre o desenvolvimento da literatura russa no começo do século e a influência de Gorki e por mais de uma observação crítica. Assim, afirma o Sr. Juin que Gorki modifica, prolongando-o, o

realismo russo. São significativas as opiniões e críticas literárias da época: Tchekov, por exemplo, diz que Gorki escreve mal, porém (já se vê) com imenso talento. Ao que responde Gorki: Tchekov mata o realismo com a sua minúcia. Perde-se em contemplação de um simples arbusto enquanto arde a floresta. Korolenko insurge-se contra o romantismo da concepção da realidade social que tem Gorki, a qual lhe parece uma verdadeira traição. O que é fato é que Gorki é o herdeiro do “século de ouro” e dos grandes mestres do romance russo. Ele não é o ponto final da evolução literária da Rússia pré-revolucionária e nem procura nas literaturas estrangeiras técnicas e temas diferentes. E, para demonstrar que entre o realismo russo e o realismo soviético não existe nenhuma ruptura, o Sr. Juin serve-se de Gorki como se este fosse uma espécie de ícone venerado para explicar o que ele chama de conversão do realismo russo, apreciando toda evolução deste. Antes de Puchukine, as classes dominantes falavam, liam e escreviam francês, inglês e alemão. Mesmo na época figurada em “Guerra e Paz”, Tolstoi faz os seus personagens falarem francês nos salões e russo nas isbas, dando assim idéia fiel da sociedade de seu tempo e acrescentando uma preocupação de realismo ao romance russo. Enquanto os românticos franceses, diz o Sr. Juin, se comprazem na autobiografia lírica, os russos tomam a língua que Puchukine lhes oferece e inaugura uma forma de realismo particular, inimitável. Mas esse realismo só em intenção é minucioso. O primeiro grande prosador russo, Gogol, intitula de poema o seu romance: “Almas Mortas”. Se a acuidade da visão, o vigor da sátira, a minúcia do detalhe são elementos do realismo em “Almas Mortas”, e esses mesmos elementos, continua o Sr. Juin, tem por função única levar o realismo a assumir um sentido diferente. Os russos não sucumbiram à invenção francesa que é o naturalismo. O

realismo dos russos é um realismo de visionários. Depois de Puchkine, Gogol e Lermontov, vem a plêiade famosa: Dostoievski, Tolstoi, Gontcharov, Leskov, Tchekov. A continuidade se afirma e tudo se passa como se as grandes idéias metafísicas e sociais ocupassem todo o campo. A própria crítica na Rússia a qual é ao mesmo tempo crítica e panfleto, tem as mesmas fontes que a literatura: Bielinski abre caminho a Tchernichevski e aos decembristas. Se Gogol e Dostoievski levam o debate ao seio da ortodoxia, Tolstoi traz ao romance russo uma dimensão humana, mas, pretende o Sr. Juin, o personagem ainda é intencional, isto é, tem uma mensagem, significa alguma coisa. O milagre de Tchekov é esse precisamente: a “ilimitação” do real. O personagem é o homem comum sem mensagem, sem intenção. O realismo russo toma o objeto exterior como “dramatis persona”. Ao contrário do processo naturalista, não descreve tudo. O objeto descrito, por exemplo em Dostoievski ou Tolstoi, comportam uma significação imediata ou concorre para significação geral. O realismo russo não é somente metafísico, mas também o próprio lugar da reivindicação social. E na combinação constante das duas tendências vê acertadamente o Sr. Juin a originalidade do realismo russo. Depois de algumas citações de Lenine, provavelmente quase rituais, o Sr. Juin, passa a confundir um tanto sorrateiramente o realismo dos grandes escritores realistas russos com o realismo dos escritores soviéticos. Num requinte de acrobacia de crítico literário, funda o Sr. Juin a sua opinião a respeito da semelhança, que acha evidente, do primeiro realismo com o segundo, numa observação de Taine a respeito de Stendhal e Balzac comparados a Dickens. Concebe ele que há uma diferença, mas puramente exterior a qual atinge antes o sentido do que a técnica do realismo.

Mas o Sr. Juin concorda com crítica de Alexandre Block que sabe-se, irrita Gorki: o universo de Gorki é o sonho duma criança. É que, explica os Sr. Juin, essa procura da felicidade num mundo novo lhe dá um traço de atividade diante da vida e ódio do passado. Nisso, Gorki se opõe a toda literatura russa anterior. Os Vagabundos replicam a Senhor e Servo: não se trata de morrer, mas de viver e realizar a vida é tarefa revolucionária.